

MEMÓRIA

Lembranças de chuva

O Vida & Arte Cultura resgata entrevista exclusiva com Eduardo Campos, realizada pela repórter Ethel de Paula, quando do lançamento de A Borboleta Acorrentada, 50º livro do escritor - uma coletânea de contos publicada em 1998

[22 Setembro 16h29min 2007]

Faz quase dez anos. Eduardo Campos, como ele próprio diz nessa entrevista à repórter Ethel de Paula, já farejava o fim: "Sinto que meu tempo na vida está se acabando", mas não havia em sua declaração nem medo nem saudade - apenas a consciência de uma existência bem vivida e do legado que deixaria à posteridade. A conversa com o escritor foi publicada no dia 21 de outubro de 1998, para marcar o lançamento de A Borboleta Acorrentada. Fala do significado de suas peças para a cultura e a história da cidade, revela-se um leitor inveterado e recorda a infância, em Guaiúba, onde nasceu. E a alegria dos banhos de chuva. Confira, abaixo, o texto original.



(Foto: Edimar Soares)

Leitor compulsivo, o escritor Eduardo Campos retribui escrevendo: este ano, voou do prelo seu 50º livro, A Borboleta Acorrentada, uma coleção de novos contos. Para ler e ver. Da capa e do miolo, saltam figuras coloridas criadas em computador caseiro pelo próprio autor - artimanha de quem aos 75 anos não abre mão de manter-se atualizado com novas tecnologias e pensamentos. O leque ele vem abrindo desde 1943, ano em que lançou Águas Mortas, a obra primogênita. De lá para cá, sua assinatura está em romances, peças de teatro, biografias, estudos e memórias. Falta a poesia. "Ainda não dá. Escrever poemas é algo mais sério, mais difícil. É como casamento", acredita. Trabalhando há 53 anos na Ceará Rádio Clube, o falastrão Manoelito Eduardo - apelido herdado entre amigos literatos do Grupo Clã - soltou seu vozeirão de locutor na última segunda-feira: numa sala reservada, falou sobre a paixão não-correspondida pelas artes dramáticas; confessou ter inveja dos amigos de cátedra, que encontram nos alunos uma via de escoamento e discussão das obras; e ainda pinçou da memória lembranças de chuva.

O POVO - A Borboleta Acorrentada, um livro de contos inéditos, é sua 50ª obra. Pelo jeito, o sr. não é do tipo que pena para escrever...

Eduardo Campos - Não, não. Eu era criticado pelos meus colegas porque escrevia muito ligeiro. Eles diziam que, se eu escrevesse devagar, faria tudo muito melhor. Mas O Morro do Ouro, que é a peça mais representada no Ceará em todos os tempos - me desculpe a vaidade -, foi escrita em três domingos. Escrevi um ato num domingo, o segundo no outro e fechei a peça no terceiro. O Abutre, um conto que dizem ser antológico, fiz de uma sentada só. Nunca fiz rascunho. Agora, com a minha idade, a coisa tem sido diferente. A Borboleta... esperou cinco anos pra ser publicado. Estou mais vaidoso. Sinto que meu tempo na vida está se acabando, minha vela já queimou um bocado. Então, acho que esta é uma hora de mais aprumo intelectual. Penso melhor, procuro o estilo, quero colocar as palavras no contexto, reelaboro... E, hoje, como trabalho no computador, acho que meu discurso é mais econômico, direto, objetivo.

OP - Qual o lugar da literatura hoje para o senhor?

Eduardo - É um refúgio. Não posso viver sem livro. Se você for ver, ali embaixo da minha mesa é cheio de livros. Tenho uma biblioteca aqui na rádio, vivo estudando e escrevendo. Minha mulher já reclamou muito disso, ela queria que nós nos divertíssemos mais. Mas é o seguinte: casei com ela e com a literatura. Tenho livros por todo canto da casa, até na sentina tenho livro! Na fazenda Mergulhão, nossa propriedade agrícola, em Guaiúba, tenho seis mil livros na sala principal. Leio desde a idade de 9 anos, quando ganhei de presente de minha tia Elvira As Aventuras do Barão de Münchhausen. Daí comecei a escrever livros pra mim. Fazia uns manuscritos e eu mesmo encadernava. Fiz uns oito ou dez livros assim - pequeninhos, de 30 páginas. Isso com uns 12, 13 anos. Depois, como fui um pouco precoce, comecei logo a escrever para teatro. Com 16, 17 anos de idade.

OP - Então, foi ainda na escola...

Eduardo - Foi. Começou no Educandário Santa Maria, onde estudei. Foi quando vivi a minha consagração como ator. Fiz Jesus Cristo... Eu era bonitão, magro, então dava um Cristo formidável, porque sou alto e tal. Disso veio meu primeiro salário - 80 mil réis, nesse tempo. Depois fui morar no Alagadiço, em São Gerardo, e eu e Artur Eduardo Benevides (presidente da Academia Cearense de Letras) fundamos o

Teatro-Escola Renato Viana. Renato Viana, um amazonense casado com uma cearense, era formidável, escrevia peças. Nós ficamos amigos dele e resolvemos homenageá-lo. Isso foi em 1941, uma fase primorosa da nossa vida. Lá comecei a dar uma de locutor, anunciando os espetáculos. E lembro que nós mesmos fabricávamos os microfones. Eu e o Benevides cantávamos até em dupla enquanto chegava a hora do espetáculo... E o melhor: durante dois anos, todas as semanas montávamos uma peça de teatro. Toda semana!

OP - Profissionalmente?

Eduardo - Não, profissionalmente não. Quem é profissional em teatro no Ceará? Em teatro nós somos amadores, os intelectuais daqui não vão ao teatro, as pessoas não gostam tanto. Teatro é difícil, é uma arte ingrata...

OP - Mesmo para o senhor, que escreveu peças antológicas para o Ceará, como O Morro do Ouro e Rosa do Lagamar?

Eduardo - O teatrólogo sofre uma rejeição tremenda. A rejeição inclusive dos intelectuais, que não sabem ler teatro. Nós ficamos desculturalizados. Tenho a impressão - desculpe a petulância - de que estou trabalhando para a posteridade. Sou um autor com uma certa projeção, fiz de tudo em teatro: representei, montei teatro, montei peças de teatro, estudei teatro... Será que amanhã as pessoas não vão se interessar em ver as minhas peças, saber, através delas, como foi a vida aqui no Ceará nos anos 60? Talvez... Sei que o meu curinga é o teatro. Desgraçadamente. Porque os meus próprios amigos do Instituto Histórico do Ceará e da Academia Cearense de Letras dizem: 'Eduardo, gosto de seus livros, mas esse negócio de diálogo...' .

OP - Mesmo diante de comentários do tipo, sua inspiração é inesgotável? O senhor acha que ainda há mesmo muito o que acrescentar em meio a tantas obras?

Eduardo - Sempre tenho motivo para escrever. Tenho impressão que eu acrescento conhecimento sim, pouquinho, mas acrescento. Pelo menos tenho me esforçado muito. Mas tenho tido muita contrariedade também. Publiquei um livro, Crônica do Ceará Agrário, que eu acho formidável. Ninguém escreveu uma linha sobre ele, nada. Quando publiquei meu primeiro livro, Águas Mortas, em 1943, pelo menos 12 pessoas escreveram artigos em jornal sobre ele. Hoje, você manda o livro de graça pro cidadão e ele nem agradece. A Borboleta...? Já fiz um esforço danado e não tem quem critique, nada. Meus amigos de cátedra tiveram mais sorte porque seus livros pelo menos chegam aos alunos. A gente, que não faz outra coisa na vida senão escrever, precisa de platéia, de leitor.

OP - Essa relação visceral com a literatura vem de casa?

Eduardo - Vem sim. O meu pai, Jonas Acioli Pinheiro, pegava os jornais da época e mandava a gente ler. Era um modo de exercitar. Chama-se califasia: a arte de dizer, ler com fluência, sem tropeçar. Meu pai me martirizava com isso, apesar de nem ser ligado às letras. Ele era um homem de comércio. Tinha uma torrefação de café - o café Peri, que foi onde eu aprendi a ser humilde. Eu ia lá ajudar, varria a calçada, vendia café no balcão, sustentava carga de jumento. Tem até um episódio muito jocoso da minha vida: eu já namorando, ia trabalhar no Café Peri, e saía com cheiro daquele óleo do café. Tomava banho, passava sabão, aristolina, mas as namoradas não agüentavam cinco dias, porque aquele odor impregnava, viu? (risos)

OP - Sei que o senhor nasceu em Guaiúba e ficou órfão de pai bem cedo, indo morar em Pacatuba com os tios. Que lembranças ficaram dessa época?

Eduardo - Lembranças de chuva. Sempre gostei de chuva. Ela é um personagem em tudo que faço - em minhas peças ou falta chuva ou tem chuva demais... Então, me lembro que tava chovendo e eu tava na porta da casa com a empregada. Escapoli da mão dela, corri e tomei meu primeiro abençoado banho de chuva. Me lembro perfeitamente. Parece que tô vendo aquela água escorrendo pelas coxias, aqueles sapos cururus, uma beleza! E tem um episódio grotesco. Não sei se você sabe, mas as moças daquela época que eram desvirginadas ficavam largadas na vida. Um dia, nós estávamos tomando banho na Bica do André, lá em Pacatuba, e de repente avistamos uma morta, uma mocinha grávida que se suicidou. Não tinha quem levasse o cadáver pro cemitério e o padre nos pediu para fazer a caridade. Nós já estávamos cheios do mel e fomos levá-la até o cemitério. E aconteceram coisas engraçadíssimas. Para começar, o coveiro estava bêbado e ele bebia numa banda de um crânio. Parece invencionice. Mas é pura verdade. Esse enterro quase não acaba. Choveu muito, a serra ficou bonita, de repente apareceram colibris, pássaros de toda a natureza, parecia até uma passagem de Cem Anos de Solidão (obra-prima do escritor colombiano Gabriel García Marquez). Ninguém saía mais do cemitério.

Leia mais sobre esse assunto

22/09/2007 16:29:42 - ["Até um dia" a Eduardo Campos](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Bibliografia](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Para rememorar a história do Ceará](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Um gigante de voz retumbante](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Um homem em três dimensões](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Um trem em movimento](#)

22/09/2007 16:29:42 - [Viagem definitiva](#)